

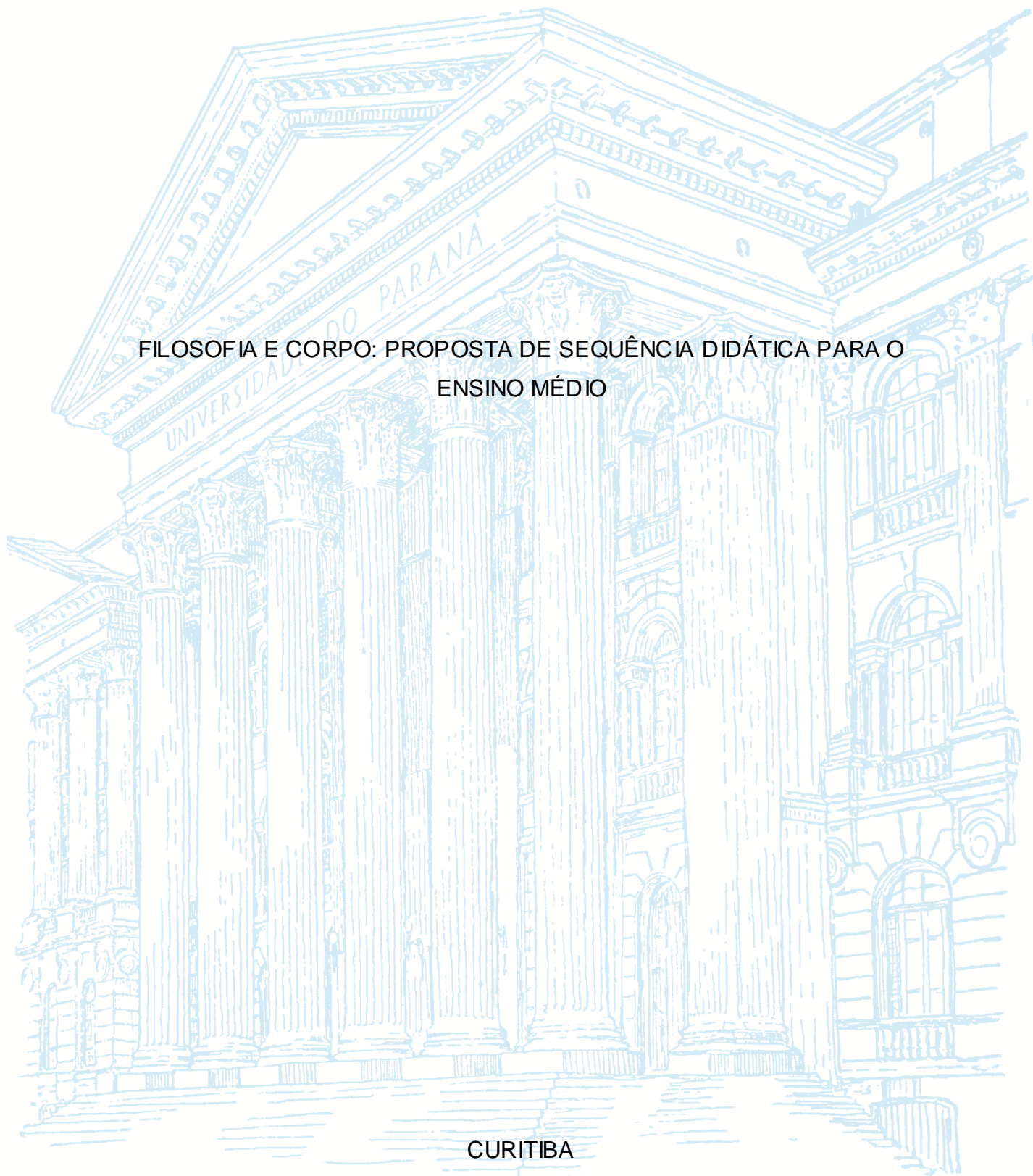
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANA CAROLNE GERENT

FILOSOFIA E CORPO: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O  
ENSINO MÉDIO

CURITIBA

2018



LUCIANA CAROLINE GERENT

FILOSOFIA E CORPO: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O  
ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino  
Médio, da UFPR, como requisito parcial à obtenção  
do grau de especialista.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karen Franklin

CURITIBA

2018

## TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANA CAROLINE GERENT

### FILOSOFIA E CORPO: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO

TCC apresentado ao curso de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio.

---

Profa. Dra. Karen Franklin

Orientadora – Departamento de Filosofia, UFPR

---

Prof(a). Dr(a)./Msc. \_\_\_\_\_

Departamento \_\_\_\_\_, INSTITUIÇÃO

---

Prof(a). Dr(a)./Msc. \_\_\_\_\_

Departamento \_\_\_\_\_, INSTITUIÇÃO

Curitiba, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Dedico este trabalho à memória do meu querido pai, Mauri José Gerent, por ter me ensinado tantas coisas, em especial a amar a Filosofia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que estiveram comigo nesse projeto de formação. Especialmente à minha família, nas figuras da minha mãe, Vilma Maria Gerent e minha companheira Lee Pereira, pela força e incentivos constantes. Ao meu pai que não está conosco, senão em memória, mas permanece sendo o grande inspirador da minha trajetória.

À Universidade Federal do Paraná, representada pelos(as) professores(as) e tutores(as) do curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio, pela oportunidade de acesso e permanência a este curso. Agradeço imensamente pelas aulas, debates, textos, diálogos e reflexões oportunizadas.

Agradeço com carinho especial ao tutor a distância Wilson de Oliveira, pelas leituras e correções dos meus trabalhos e os *feedbacks* gentis e desafiadores. À tutora presencial Luana Medeiros pelo auxílio ao *moodle* e às aulas presenciais.

Finalmente, agradeço à professora, também orientadora deste TCC, Karen Franklin pela generosa recepção ao meu tema de pesquisa, pelas leituras cuidadosas e pelas fundamentais intervenções teóricas que me auxiliaram na elaboração e produção deste trabalho.

*O corpo  
não é uma máquina como nos diz a ciência.  
Nem uma culpa como nos fez crer a religião.  
O corpo é uma festa.*

(Eduardo Galeano, 138, 1993)

## RESUMO

Durante a história da Filosofia ocidental, a partir dos socráticos, o corpo intrigou diversos pensadores que lhe investiram marcas conceituais, transformando-o em fonte de questionamentos filosóficos. Paradoxalmente, na atualidade, o corpo parece destituído do ambiente educacional, especialmente das disciplinas que estudam o humano. Este trabalho buscou resgatar as possibilidades de inserção do corpo como problema filosófico a partir de dois autores clássicos da Filosofia: Platão, com a teoria dos duplos e Michel Foucault, com sua visão dos corpos institucionalizados. Após estudos bibliográficos, foram produzidas propostas de sequências didáticas com a temática 'corpo' afim de incentivar e instrumentalizar os(as) professores(as) de Filosofia do Ensino Médio a inserirem essa categoria no planejamento curricular. Cada um dos dois pensadores escolhidos para compor essa proposta de ensino representam uma época distinta da Filosofia, ainda assim, ambos mantêm um posicionamento sobre os aspectos do corpo como parte indissociável dos exercícios espirituais e da filosofia como forma de vida. Destaca-se, portanto, a importância de debates que levem os(as) jovens a produzir questionamentos e reflexões sobre o corpo na tradição filosófica, mas sobretudo reconhecendo-se como sujeitos de corporeidade.

Palavras-chave: Filosofia. Corpo. Educação. Ensino Médio. Proposta didática.

## **ABSTRACT**

During the history of Western Philosophy, from the Socratics, the body intrigued several thinkers who invested conceptual marks, turning it into a source of philosophical questions. Paradoxically, at present, the body seems devoid of the educational environment, especially of the disciplines that study the human. This work sought to rescue the possibilities of insertion of the body as a philosophical problem from two classic authors of Philosophy: Plato, with the theory of the double and Michel Foucault, with his view of the institutionalized bodies. After bibliographic studies, didactic sequences proposals were produced with the theme 'body' in order to encourage and instrumentalize the teachers of Philosophy of High School to insert this category in curricular planning. Each of the two thinkers chosen to compose this teaching proposal represents a distinct epoch of Philosophy, yet both maintain a position on aspects of the body as an inseparable part of spiritual exercises and philosophy as a way of life. Therefore, the importance of debates that lead young people to produce questionings and reflections about the body in the philosophical tradition, but especially recognizing themselves as subjects of corporeity, is emphasized

**Keywords:** Philosophy. Body. Education. High school. Didactic proposal.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – COLAGEM DE IMAGENS – CORPOS INSTITUCIONALIZADOS.....	35
FIGURA 2 – CARTOON.....	36
FIGURA 3 – OUTDOOR.....	37

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	JUSTIFICATIVA .....	12
1.2	OBJETIVOS .....	13
1.2.1	Objetivo geral .....	13
1.2.2	Objetivos específicos .....	13
1.3	METODOLOGIA .....	13
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>15</b>
2.1	A DICOTOMIA ENTRE CORPO E ALMA EM PLATÃO.....	16
2.2	CORPO COMO DISPOSITIVO DE PODER EM MICHEL FOUCAULT.....	21
<b>3</b>	<b>MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	<b>25</b>
<b>4</b>	<b>PROPOSTA DIDÁTICA</b> .....	<b>27</b>
4.1	APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	27
4.2	O CORPO EM PLATÃO.....	27
4.3	O CORPO EM MICHEL FOUCAULT.....	34
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>40</b>
5.1	RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS .....	40
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, os interesses da educação estiveram curvados para a valorização dos aspectos cognitivos em detrimento do corpo. A inclusão de temas que trabalham com a corporeidade nas disciplinas escolares geralmente está restrita às disciplinas de Biologia e Educação Física e são pouco valorizados na formação dos sujeitos. O corpo parece deslocado da escola como se fosse dissociado do pensamento e da linguagem. O objetivo desta pesquisa é incluir a pauta da corporeidade como assunto filosófico no ambiente escolar. Para isso propomos uma sequência didática que trabalhe reflexivamente o corpo como constructo histórico e cultural. No entanto, a principal questão a superar é: como podemos contemplar o corpo como problema e saber filosófico na escola?

Em Filosofia, o corpo pode ser compreendido na sua dimensão histórica articulando-o aos preceitos conceituais que alguns pensadores construíram sobre ele. O corpo ganha espaço como categoria de dimensão espiritual, social, econômica, material e histórica. Marcado pela materialidade da expressão humana e produzido culturalmente, o conceito de corpo pode ser analisado sob as poderosas cargas políticas e identitárias que lhe constitui. As dimensões do corpo também podem ser trabalhadas através de significantes como as experiências e vivências: o desejo, o sofrimento humano, a liberdade e a intimidade, por exemplo.

Ao longo do trabalho apresentaremos de forma geral uma revisão de literatura situando rapidamente o corpo na tradição filosófica. Em seguida dedicaremos uma pesquisa mais detalhada sobre esta categoria em dois autores especificamente, Platão e Michel Foucault. A escolha desses pensadores se deu pelo desafio de confrontar um filósofo da antiguidade com outro, moderno, a fim de compreendermos as marcas contextuais e históricas que (trans)formam o conceito e a utilidade do corpo na história do pensamento. E, embora, cada qual tenha produzido discursos muito distintos e até mesmo opostos na compreensão do corpo, ambos o resgatam quando tratam do cuidado de si e das possibilidades de utilização da filosofia como modo de vida.

O primeiro capítulo discorre sobre a marca do corpo na história da filosofia e da própria humanidade, bem como se refere a alguns importantes pensadores que se debruçaram sobre esse tema, atualizando-o como problema filosófico. Seguiremos em sessões específicas apresentando de forma mais detalhada as

argumentações de ambos os pensadores escolhidos para apresentar suas teses sobre a construção e o conceito de corpo. Esse material é dedicado aos(as) professores(as) que aplicarão a proposta.

A primeira abordagem tratará da concepção de corpo elaborada por Platão, bem como a marca do dualismo entre corpo e alma que sustentam sua teoria, fazendo referências às influências desse pensamento para o cristianismo e para os dias atuais.

Na segunda intervenção, vamos tratar de olhar o corpo numa perspectiva pós-estruturalista e este como produto e produtor de políticas e mecanismo de poder através dos escritos de Michel Foucault.

No segundo capítulo será apresentada a proposta de sequência didática e metodologia a ser utilizada, bem como a forma de articulação entre o tema proposto através da história da filosofia. Neste momento trataremos das abordagens pedagógicas e os objetivos a serem perseguidos com essa proposta.

O terceiro capítulo discorrerá efetivamente sobre os planos de ensino. Serão apresentadas as propostas de aulas de forma geral, questões a serem abordadas com os(as) estudantes, sugestões de recortes textuais formativos e reflexivos.

Certas dos limites que compõem este desafio, esperamos encerrar este projeto instigando o desejo do(a) educador(a) e do(a) estudante em inserir a temática do corpo nas atividades diárias de reflexão e prática escolar, apostando na educação e na atividade intelectual como local e recurso de possibilidades de transformação, desnaturalização, transgressão e emancipação do corpo em defesa da diversidade.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A educação abre possibilidades para a reflexão do conceito de corpo e corporeidade, proporcionando articulações entre o ensino de Filosofia e a produção de conhecimento de si e do mundo. O corpo é um tema de forte apelo existencial e carrega poderosas simbologias de atuação. Por isso, discutir o conceito de corpo no Ensino Médio pode ser um poderoso convite ao autoconhecimento, pois pensá-lo corresponde a pensar-se a si próprio. Em outras palavras, demanda o exercício da autoformação.

As capacidades de conhecer-se a si mesmo podem ser traduzidas na possibilidade de refletir criticamente e levar à elaboração consciente de comportamentos (...) e, por outro lado, a capacidade de abertura para a diversidade, a novidade e a invenção (PCN, 2000, p. 48).

Das multideterminações sob as quais é possível lançar um olhar filosófico sobre a categoria do corpo, propomos demonstra-lo em dois distintos discursos históricos da tradição filosófica. Para isso selecionamos um importante pensador da filosofia antiga, Platão e outro, não menos importante no século XX, Michel Foucault.

## 1.2 OBJETIVOS

Diante do desafio de produzir um material didático para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, escolhemos trabalhar uma abordagem a partir do tema 'corpo' com a intenção de aproximar essa categoria das reflexões e práticas educacionais.

### 1.2.1 Objetivo geral

À vista disso, esta proposta tem como objetivo geral apresentar possibilidades de uma sequência didática que discuta o conceito e a concepção de corpo como problema e saber filosófico.

### 1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos visam permitir aos(às) estudantes conceituar o corpo como categoria filosófica; compreender as distintas teorias filosóficas acerca do corpo e estabelecer relações sobre o corpo na tradição filosófica e nas teorias contemporâneas, privilegiando a sua compreensão como sujeito na/da corporeidade.

## 1.3 METODOLOGIA

No ensino de Filosofia, as aulas são organizadas de forma a privilegiar atividades que sejam pautadas no uso da reflexão e da autoformação. A pesquisa apresentará propostas de aulas que utilizam metodologias diversas como auxiliares

em seu desenvolvimento: leitura filosófica, linguagens visuais, problematizações, argumentações e produção escrita.

Dedicaremos centralidade ao tema corpo, de modo adequado às limitações e possibilidades do Ensino Médio e, a partir dele, pretendemos articular conhecimentos filosóficos e modos discursivos nas produções culturais sob o olhar da tradição filosófica.

Serão privilegiados no processo a capacidade do(a) estudante em analisar, interpretar, criticar e problematizar as referências selecionadas para os conteúdos abordados. Para isso, o método de ensino partirá da realidade do(a) estudante, porém ao mesmo tempo o convidará a abandonar provisoriamente esta perspectiva para alcançar um contexto filosófico mais específico. Dessa forma, caberá ao(à) professor(a) de Filosofia a tarefa de ser o(a) mediador(a) entre o(a) aluno(a) e o conhecimento filosófico relacionado à temática corpo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Não é tarefa simples situar o lugar do corpo na história dos saberes filosóficos, mas ao investigar aqueles filósofos que se dedicaram a explicar esse organismo antropológico, percebemos que o seu lugar na filosofia estabelece sempre relações com a mente e com o mundo material.

Desde os tempos de Platão e Aristóteles se discutiam questões referentes a mente, e uma das mais importantes perguntas é se mente e corpo são duas entidades separadas, e se separadas como elas interagem” (BOTERO, p.1, 2006).

Certamente a constituição do humano sempre foi objeto de curiosidade. Ainda assim na Grécia antiga, pela figura de Sócrates, passamos a ter conhecimento de que o organismo mente-corpo se torna um problema filosófico. A partir dos socráticos, responder a essas perguntas passa a ser de fundamental importância para a tradição filosófica. Desde lá, diversos campos de conhecimento fizeram do corpo e da psique seu objeto de análise. Os enigmas do humano continuam sendo profundamente filosóficos, na proporção do crescente número de teorias tentando compreendê-lo. A partir dessa perseguição, o ser-humano transformou a própria história do conhecimento, desenvolvendo uma complexa rede de saberes científicos, espirituais e políticos para situar o sujeito em uma natureza válida.

O corpo da antiguidade, contraposto à alma por Platão, influenciou o catolicismo e todo pensamento da Idade Média. Santo Agostinho, representante do pensamento sobre o pecado original, orientou a formação de uma teologia onde corpo era um instrumento do pecado, o caminho para o mal, desenvolvendo a noção de angústia e culpa. Os pilares filosóficos, religiosos e morais dessa época são profundamente marcados pelo conceito cristão de corpo e alma. Somente com o advento renascentista, o corpo começa a ser ressignificado e, novamente, produtor de saberes revolucionários.

A modernidade traz, no seu bojo, um conjunto de transformações: as grandes navegações, a concepção heliocêntrica, a secularização do conhecimento, o antropocentrismo - marcando uma nova visão de homem no mundo e, conseqüentemente, da sua corporeidade. Contrapondo a negação do corpo da mentalidade medieval, percebemos o hedonismo (culto ao prazer), emancipação do "sujeito cosmológico"; há uma crescente dessacralização da corporeidade (DUMONT e PRETO, 2005, p.9).

Na modernidade, o raciocínio científico reelabora os conhecimentos sobre o corpo, na medida que ele também se (re)constrói historicamente. Karl Marx aponta para a perspectiva sociológica da produção humana, Freud revela o ser de consciência na Psicanálise. Inúmeros intelectuais como, Descartes, Espinoza, Foucault, debruçaram-se sobre a dialética do corpo e da mente, contribuindo para a construção de conhecimentos que servirão de pilares culturais da sociedade moderna. Ainda assim, o corpo permanece marginalizado na esfera do saber, não porque se fala pouco sobre ele, mas porque seu status está sempre nos níveis inferiores das experiências humanas.

Na atualidade, o corpo revela-se mais uma vez como potencial transformador. O feminismo, por exemplo, elabora uma rede de conhecimentos sobre a construção dos corpos e propõe uma reconstrução social, a partir da desnaturalização dos saberes hegemônicos, marcando um novo lugar político para o corpo na história da humanidade. Alguma filosofia contemporânea dedica-se a olhar o corpo diante das suas simbologias e potencialidades, as ciências sociais apontam para as performances identitárias, representativas e de resistência.

Na educação, o corpo pode ser objeto de todas as disciplinas e compor o currículo como produto e produtor de cultura. Especificamente nessa proposta, orientaremos um estudo sobre duas perspectivas filosóficas sobre o corpo, uma antiga e outra contemporânea, representadas nas obras dos pensadores Platão e Michel Foucault.

## 2.1 A DICOTOMIA ENTRE CORPO E ALMA EM PLATÃO

A Filosofia pré-socrática, que teve seu auge aproximadamente no século VI AC, pode ser traduzida como período naturalista da Filosofia. Naquele momento, os filósofos buscavam responder os fenômenos fundamentais da natureza, apontando suas investigações para as coisas primárias. Especulavam especialmente o problema cosmológico, a matemática, os elementos da natureza. Por outro lado, dedicavam pouco investimento para as questões do homem. A compreensão do humano nesse período fundamentava-se basicamente nas crenças mitológicas que ofereciam até então respostas suficientes para explicar o corpo e a alma. Montenegro (2013), explica que os pensadores pouco submetiam as questões *psicofísicas* às suas investigações e as denominações *psychê* (alma) e *soma* (corpo)

apenas eram utilizadas quando se referiam aos mortos, pois acreditavam que no momento da morte a alma se desprenderia do corpo pela boca para “descer às sombras subterrâneas do Erebo” (SOUZA, 1973, p.12), enquanto o corpo, definharia. As mitologias em torno do homem podem ser identificadas em escritos da época, como por exemplo, em Homero.

Homero parece participar da crença, comum a várias culturas primitivas, de que o homem vivo abriga em si um "duplo", um outro eu. A existência desse "duplo" seria atestada pelos sonhos, quando o outro 'eu' parece sair e realizar peripécias, inclusive envolvendo outros "duplos". A essa concepção de uma dupla existência do homem — como corporeidade perceptível e como imagem a se manifestar nos sonhos — está ligada a interpretação homérica da morte e da alma (psyché) (SOUZA, 1973, p.12).

Esse relato demonstra uma corrente de pensamento que já imortalizava o ser a partir da alma eterna. No entanto, até aquele momento, todas as almas estariam predestinadas ao mesmo fim: descer às sombras da morte. Essa crença não trazia muito acalento à vida, pois não importava a virtude do indivíduo sobre a terra, seu destino permaneceria inalterado.

Parmênides, na época, também “separou os sentidos e a e a capacidade de pensar abstrações, a razão, como se fossem duas faculdades inteiramente distintas” (SOUZA, 1973, p. 145). No entanto, é somente no período da filosofia socrática, também conhecido como antropológico metafísico, que o homem passa a ser observado como problema filosófico. É nesse contexto que Platão recupera a ideia de diferenciação do corpo e da alma, elabora uma complexa teoria propondo finalidades para o espírito e inaugura uma filosofia que marcaria profundamente o pensamento ocidental.

Na obra *Timeu* (1991), Platão explica que a origem do mundo se dá em duas dimensões: uma sensível e outra inteligível. Ambas formuladas por um criador, denominado demiurgo que, baseado em um mundo perfeito, cria o modelo tangível das coisas. “O mundo sensível nada mais é do que uma imagem imperfeita do seu modelo ideal, eterno e imutável.” (MONTENEGRO, 2013). A perfeição habitaria somente o mundo inteligível. Está aí, já em questão, a metafísica e a Teoria das Ideias, de Platão.

Da mesma forma que Platão procura explicar a origem do mundo, também argumenta na compreensão do homem, separando a alma, representante do divino; do corpo, comunicado às coisas sensíveis, qualificando-os sob a luz daquilo que denominou de Teoria dos Contrários (PLATÃO, 1991). A partir dessa teoria, o

pensador sustenta a natureza dupla do homem composto por um corpo e uma alma, originados cada um do seu oposto. “Eis, pois, o que devemos examinar: será que necessariamente, em todos os casos em que existe um contrário, este não nasce de outra coisa que não seja o seu próprio contrário?” (PLATÃO, 1991, p.127). A contraposição marcante nas ideias de Platão fundamentara o objeto e as qualidades do homem.

Acompanhando a lógica das contrários, o corpo, inferior, inexato, carregava a sentença da morte, enquanto a alma, acessaria o inteligível, o divino e a infinitude. Dessa forma, o homem deveria dedicar-se a alimentar a alma, rompendo com os desejos do corpo, como forma de, ao morrer, acessar a perfeição. Ou como explicou Robinson (1998, p.339), “a alma nos pós vida é, de fato, um contra indivíduo que desfruta de todas as outras características do indivíduo nesta vida, exceto da materialidade”. O pensamento de Platão inaugura uma finalidade para a alma, antes condenada em Erebo e centraliza no homem a responsabilidade e o poder de decidir pelo seu destino.

A superioridade da alma é uma marca nos escritos de Platão. O filósofo privilegia a investigação sobre o inteligível e declara ser o sensível o contrário das suas ambições. Argumentava que somente a alma poderia elevar o homem, e “seu estatuto ontológico era tal, que ela era o objeto potencial da recompensa ou punição eterna pela qualidade da vida vivida” (ROBINSON, 1998, p. 336). Fundamentava assim sua orientação para que o homem não se inclinasse para os imediatismos do corpo. Esse pensamento influenciou fortemente a formação da ideologia Cristã e seus duplos: o bem e o mal, o real e o divino, a luz e as trevas, além de sustentar a ideia de um deus criador e de um mundo perfeito pronto para receber as boas almas desencarnadas.

Tal concepção da relação corpo-alma é predominante na leitura do Fédon. Nessa obra clássica, Platão apresenta os argumentos do último diálogo de Sócrates com os seus discípulos, no dia da sua condenação e morte. Ambientado no cárcere de Atenas, o diálogo discorre as meditações do mestre sobre o sentido da filosofia, da vida e da morte. É sobretudo um tratado sobre os aspectos da alma. Segundo Robinson, Platão deixa registrado nessa obra, a partir da figura de Sócrates, os valores que atribui aos opostos:

Ele cita, com evidente aprovação, a doutrina órfica do corpo como uma prisão para a alma (82e2 e segs.) (...) Noutro lugar, fala da

alma de maneiras que sugerem alguma espécie de fluido ectoplásmico penetrante e coextensivo com o corpo, uma entidade que, se suficientemente “contaminada” e “infectada” pelo corpo, pode mais tarde retornar à terra como o que a maioria chama um fantasma. E noutra lugar ainda (especificamente, no primeiro e último argumento em favor da imortalidade), refere-se à alma estritamente nos termos de um princípio vital ou suporte vital (ROBINSON, 1998, p.341).

Ainda jovem quando perde seu mestre, Platão persegue esses preceitos durante sua longa jornada intelectual, baseado na crença de que a filosofia deveria ser, sobretudo, uma forma de vida e de morte, potencial alimento e salvação da alma.

Outra concepção específica de alma elaborada por Platão pode ser verificada na leitura de uma de suas alegorias: o mito da "parelha alada" (Platão, 1975). Ali, o filósofo elabora a noção do caráter arbitrário do homem como condutor da alma: Duas facetas da alma apresentam-se como carruagens que transportam um cocheiro. São dois cavalos alados: um bom e dócil, apontando voar ao caminho que leva à perfeição; outro malvado, de índole ruim, desejando retornar para a terra. Esse mito dá a dimensão da argumentação platônica: “O mergulho demasiado às paixões do corpo leva, inexoravelmente, ao desregramento” (MONTENEGRO, 2013). A teoria que fundamenta a argumentação platônica é aquela onde o ser, guiado por uma necessidade ou prazer, pode até trazer alguma realização para o corpo, mas torna-se prisioneiro das coisas do mundo. Esse mito é emblemático na questão da dicotomia corpo-alma, pois apresenta a dificuldade do humano em controlar suas paixões.

Dessa forma, o argumento de Platão segue na direção de que a alma deve guiar-se pela sabedoria e não pela experiência sensível. A alma somente poderia se elevar e contemplar a verdade se desvinculando das coisas terrestres. No entanto, mesmo que a alma determine o movimento do corpo, ela está presa nele, sendo também limitada. Segundo Platão isso seria um obstáculo à sabedoria. Diante desse empecilho, ele argumentava sobre as possibilidades de aproximação da alma com o mundo superior, mesmo em vida:

(...) ela raciocina melhor precisamente quando nenhum empecilho lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer — mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte, quando, rompendo tanto quanto lhe é possível qualquer união, qualquer contato com ele (PLATÃO, 1991, p.120).

Platão (1991) se refere ao corpo como um impedimento, o “sepulcro do intelecto”, uma ameaça à nossa própria escravidão, pois conduziria o homem a apreensões incertas e enganosas.

Nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas. (...) fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos! (PLATÃO, 1991, p.119).

Cabe ao filósofo, adverte Platão, considerar que enquanto estiver vivo não poderá se libertar de forma total, por estar ligado ao corpo e vivendo a ilusão. Assim, somente a morte poderá separar a alma do corpo e levá-la à contemplação verdadeira das coisas. Para ele, “a vida do filósofo é exercício de morte” (REALE, 2002, p.176). Enquanto a espera, o indivíduo se esforça para secularizar o corpo em função da alma.

Essa concepção pós-socrática, de que o conhecimento interior aproxima o homem da verdade, nos revela um momento histórico da Filosofia em que os filósofos a tinham como forma de vida. Eles propunham viver a filosofia e eram capazes de realizar tal imersão como exercício espiritual. Essa é uma característica marcante nos filósofos da antiguidade. “O discurso filosófico tem sua origem, portanto, em uma escolha de vida e em uma opção existencial” (HADOT, p.18, 2004). A proposta de Platão foi transformada em prática de vida e espiritualidade, uma maneira consciente de se inclinar para a conhecimento de si mesmo.

Os cuidados com o corpo, simultaneamente, entram no conceito de cuidado de si, já que a liberdade de pensamento estava vinculada a cultivação de si próprio, à realização de si próprio como um confronto de forças dentro de si. Os gregos se preocupavam em produzir uma vida livre e a liberdade somente poderia ser adquirida quando o sujeito comandasse a si mesmo.

Muitos filósofos da modernidade ainda tentaram ocupar-se desse ofício, mas acabaram desenvolvendo seus conceitos teóricos e debruçando-se sobre suas obras. Sujeitos do seu próprio tempo, submeteram sua condição humana ao contexto histórico da sua geração filosófica. Assim também acontece com o corpo, suas marcas históricas e seus contemporâneos paradigmas na modernidade.

## 2.2 CORPO COMO DISPOSITIVO DE PODER EM MICHEL FOUCAULT

Mais de dois mil anos passaram desde que Platão formulou sua teoria sobre o corpo inferiorizado pela alma. Inúmeras mudanças ideológicas transformaram o pensamento sobre o corpo desde esse período, comprovando ser este, produto cultural e histórico.

Ainda assim, pensar o corpo como saber filosófico é algo recente. De acordo com COURTINE (2013, p.7), “antes da virada do Século XX, ele não exercia senão um papel secundário na cena do teatro filosófico, onde, desde Descartes, a alma parecia exercer o papel principal”. Somente quando pensadores como Freud revelam que o corpo é uma linguagem da própria consciência é que ele passa a ser concebido como objeto de saber.

Michel Foucault, pensador do Século XX, dedicou-se a tratar sobre o corpo ao longo de suas obras, demonstrando como ele vai sendo produzido historicamente, representado através de seus status político e discursivo, para além da própria concepção orgânica.

Foucault revela uma preocupação em recuperar a filosofia como modo de vida, advertindo que “o elemento forte e dinâmico deve ser procurado nas formas de subjetivação e das práticas de si” (FOUCAULT, 2007, p.30). Mas, ao contrário de Platão, concebe o corpo como integrante indissociável da subjetividade humana. O corpo, ao invés de ser entendido como lugar onde o homem domina o prazer e por isso se autogoverna, passa a ser visto como condutor da própria subjetividade.

O conceito de subjetividade está articulado, nas obras de Foucault, com o de temporalidade. As relações que os sujeitos vivenciam ao longo do tempo e suas conexões históricas revelam uma forma de constituição da subjetividade. Diante disso, o autor nega uma identidade fixa, inalterada, cartesiana, na compreensão de que a subjetividade se expressa no elo com o tempo e se revela no corpo. (CARDOSO JR, 2005 p.345). A subjetividade é compreendida como a expressão das nossas relações ao longo da vida.

O corpo aparece na obra de Foucault, portanto, como organismo das relações temporais e da própria subjetividade. É o que ele chama de “estética da existência” (FOUCAULT, 2004, p.28). Sua expressão é um constructo histórico e social de subjetividade.

Se o corpo, como dito anteriormente, é o elemento que efetiva as nossas relações com as coisas, corpos, ideias, imagens; ele o faz motivado por uma potência, descrita por Foucault como “prazer”. O prazer é o elo que liga o corpo às relações fecundas do ser. O autor percebeu isso atentando-se aos mecanismos morais e códigos jurídicos que se esforçam em subtrair o prazer como articulador do corpo e da subjetividade, objetivando uma coesão social, onde a subjetividade é anulada e o controle intensificado. Nesse caso, o oposto do prazer criativo seria a dor do castigo para quem ousar subverter a organização hegemônica social. O corpo deve ser dócil e não subversivo.

Em 1975, Foucault lança o livro *Vigiar e Punir*, dedicando-se a compreender a passagem da sociedade de soberania para a disciplinar. Na primeira parte, dedica-se a explicar as formas e efeitos de punir o corpo, através do suplício e castigo extremo em forma de espetáculo público, comum na comunidade medieval. Em seguida oferece outro panorama, caracterizando o início da idade moderna, quando o corpo ganha outras utilidades e formas de sanção. Com o advento da ciência e da racionalidade, ao invés de violência, as formas de disciplina do corpo se dão pela vigilância e a certeza da punição jurídica.

Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência e da ideologia; [...] pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e, no entanto, continuar a ser de ordem física (FOUCAULT, 2007, p. 29).

Foucault chama atenção para o aspecto disciplinar da nossa sociedade, mapeia as condições de surgimento dos dispositivos disciplinares que atuam sobre o corpo e sua função na consolidação e organização capitalista. Revela que é na sociedade moderna, que o corpo passa então a ser vigiado e adestrado.

Agora a verdade habita na ciência e devemos nos distanciar das paixões e prazeres afim de obter o conhecimento objetivo. Somados esses preceitos às práticas institucionais, consagram-se novas regras e sanções educacionais sobre o corpo afim de socializá-lo para o trabalho. Aquele que não corresponde aos padrões é patologizado e submetido aos procedimentos especializados para curar os desvios e retornar à vida produtiva; ou então segregado em um manicômio ou prisão. Seja como for, haverá uma instituição disciplinar pronta para recebê-lo. Trata-se do surgimento das “ciências” e das tecnologias que permitem a fabricação do indivíduo disciplinar a partir de uma complexa relação entre saberes e poderes sobre o próprio

humano. Assim, ele demonstra que o corpo também é disputado pelos mecanismos de saber, como o cristianismo, a educação e as ciências, por exemplo.

Diante da ameaça de um corpo criativo e transformador da realidade, os dispositivos reguladores são intensificados, caracterizados por dispositivos disciplinares como a escola, a fábrica, o hospital, a prisão, espaços que confinam corpos e controlam suas potências criativas. “O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto o número de corpos que há a repartir. A ideia central consiste em evitar as distribuições por grupos e aglomerações” (MEDEIROS, 2010). Essa ideia corresponde a colocar cada indivíduo no seu lugar, incorporar exercícios repetitivos e graduados, para que ele seja útil e possa ser controlado em função do tempo.

O exercício, como prática disciplinar, se tornou uma tecnologia política do corpo e da duração que tem por finalidade produzir indivíduos assujeitados dentro de um procedimento que nunca se completa – o exercício e a sujeição nunca terminam (MEDEIROS, 2010).

Os regimentos morais submetem o corpo a infrações e conseqüentemente a sanções, impondo-o à aprendizagem e docilidade contínuas. “Nessas condições, a subjetividade se efetua, no essencial, de uma forma quase jurídica” (FOUCAULT, 2008, p.29). A força motriz do corpo, o prazer, é condenado e sua finalidade criativa e transformadora, torna-se alienada.

Esse controle está diretamente relacionado com o corpo como organismo de utilização econômica. Intencionalmente, o poder disciplinar visa à construção de uma relação que torna o corpo tanto mais obediente quanto mais útil. Em outras palavras, para o sistema, quanto mais submisso for o corpo, mais dócil sua servidão. Toda a potência do prazer se converte em força de produção e consumo capitalista, inclusive a sexualidade, que passa a ser produzida, organizada e legislada no corpo.

Todos esses mecanismos de poder atravessam os corpos e atuam neles, revelando o corpo como categoria política na teoria de Foucault. No entanto, esses dispositivos de adestramentos dos corpos não garante o total domínio da subjetividade criativa. Foucault discorre sobre as possibilidades transgressoras da regulação normativa visando recuperar a força transformadora do prazer onde o corpo resiste à disciplinarização. A relação de si consigo próprio, por exemplo, consiste em produzir condições de se conquistar a liberdade. Dessa forma o corpo

aparece ao longo da sua obra como um composto de forças que se encontram em constante combate.

Estudioso dos pensadores gregos, Foucault relembra como os filósofos antigos pensavam essas relações de si consigo próprios, voltando-se também à dimensão corpórea. Exemplifica, mencionando a dietética, o regime, como estratégia auto reguladora da própria existência, na antiga Grécia. A boa gestão do corpo implicava, para os gregos, em poder escolher, através da reflexão, o que era bom e o que era mau para eles. Nesse exemplo, os cuidados com os excessos do corpo eram tidos como práticas de vida, ou “uma maneira particular de se constituir como um sujeito que tem por seu corpo o cuidado justo, necessário e suficiente” (MEDEIROS, 2010). O que importa nesse resgate aos gregos é a possibilidade de um retorno aos cuidados de si.

O objetivo das práticas de si é exatamente o de exercer um autodomínio, ou seja, ser ativo em relação a si mesmo. “A estética da existência é a criação de uma vida bela, de uma vida livre onde o sujeito consegue dominar suas próprias forças reativas em prol de uma vida ativa” (MEDEIROS, 2010). A ênfase é dada nas qualidades das relações conscientes que os sujeitos fazem afim de transformar seu modo de viver e ser. Foucault propõe uma soberania de si mesmo como estratégia de resistência ao controle do poder.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

A elaboração desse material didático situa-se num projeto para a disciplina de Filosofia. O público alvo das atividades são aluno(a)s do ensino básico que cursam o ensino médio. A Sequência Didática prevê o desenvolvimento de atividades ligadas ao tema proposto em etapas distintas e inter-relacionadas. Os conceitos que serão trabalhados com os(as) estudantes serão: o corpo na visão de Platão e Michel Foucault, distintamente tratados, porém com o objetivo comum de elaborar uma dimensão histórica, ideológica e cultural do corpo.

Primeiramente apresentamos uma revisão da literatura sobre a construção teórica dos dois autores em relação ao corpo. Esses textos servirão de referência para os(as) professores(as) que trabalharão efetivamente a proposta. Em seguida, será apresentado os recortes textuais para os(as) estudantes e as articulações possíveis entre o contexto dos pensadores e a realidade atual.

A proposta de sequência didática foi elaborada levando em conta as características do ensino de Filosofia no Ensino Médio, bem como seus documentos políticos e curriculares. Esse planejamento pretende apresentar algumas possibilidades de investigação sobre o corpo em dois diferentes momentos da disciplina, analisando recortes da filosofia antiga e contemporânea sobre o tema e possibilitando um diálogo entre eles.

A primeira abordagem trará à luz a ideia de corpo ancorada em Platão. Após as atividades didáticas dessa temática espera-se que os(as) estudantes sejam capazes de:

- Perceber como a filosofia após Sócrates (apresentada por Platão) ganha um status antropológico por se ligar ao saber sobre o humano;
- Observar como Platão elabora a teoria dos duplos;
- Reconhecer as qualidades morais relacionadas a dicotomia Corpo x alma;
- Observar como os Filósofos antigos adotavam a filosofia como forma de vida;
- Estabelecer ligações entre a teoria de Platão e o pensamento cristão.

Na segunda abordagem didática, o conceito de corpo ganha propriedades políticas através dos olhares de Michel Foucault. Espera-se do(a) estudante, desenvolver com esse estudo as competências em:

- Conceber o corpo como instancia histórica e socialmente construído;

- Observar os distintos mecanismos de saber-poder que imperam sobre o corpo na sociedade moderna;
- Reconhecer as instituições que disciplinam o corpo;
- Compreender os objetivos e finalidades dos corpos dóceis e adestrados;
- Identificar possibilidades transgressoras a partir do corpo.

As contribuições que pretendemos trazer, entretanto, estão longe de ser material para reprodução. A intenção é lançar ideias fecundas, apresentar tópicos intrigantes e contribuir como referência para a elaboração de propostas didáticas para o Ensino Médio. Dessa forma, não delimitaremos um cronograma fechado para cada atividade. Compreendo que quanto mais aberta a proposta, mais adequada à turma será no momento da aplicação, além de não abrir mão da gestão democrática, pela qual desejamos que a escola se oriente, propondo que os(as) estudantes opinem sobre as propostas didáticas e avaliativas.

Para isso, a abordagem metodológica buscará apresentar uma sequência onde o tema estabelece relações a partir das representações do corpo com uma breve análise de textos filosóficos e literários, numa abordagem que componha história e tradição filosófica. A intenção é propor que o(a) professor(a) de filosofia articule conhecimentos sobre este tema conectando os olhares da filosofia e construindo novos olhares. Esse projeto busca traçar sequências para que o(a) estudante reflita sobre si próprio(a), sua auto formação e sua condição de sujeito da/na corporeidade.

## 4 PROPOSTA DIDÁTICA

### 4.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O envolvimento dos(as) estudantes com o tema filosófico a ser abordado ajudará a criar um ambiente de interesse e curiosidade na busca de investigar o corpo numa perspectiva diferente do senso comum. Convidar os(as) estudantes a produzir conhecimentos acerca de algo que marca sua identidade e tentar compreender as relações da sua própria corporeidade com o mundo pode ser o início de poderosas (des)construções filosóficas.

Na apresentação do tema: Corpo como saber filosófico, o(a) professor(a) pode utilizar conhecimentos e experiências dos(as) estudantes para introduzir diferentes pontos de vista. Assim, cabe iniciar com a pergunta: O que é o corpo?

Nesse momento introdutório, o(a) professor(a) poderá aplicar a estratégia de chuva de ideias, (ou também popularmente conhecida como *brainstorming*). Estimulando as respostas espontâneas dos(as) estudantes em torno da pergunta filosófica: “o que é o corpo?”, o(a) professor(a) anotarà no quadro todas as sugestões e conceitos por eles apontados. Dessa forma, o(a) professor(a) adentrará na temática corpo ciente do repertório conceitual dos(as) estudantes sobre o tema, além de explicitar visivelmente o quanto o corpo é capaz de receber inscrições diferenciadas sobre ele.

### 4.2 O CORPO EM PLATÃO

Na primeira proposta, o(a) professor(a) iniciará sua abordagem sobre o corpo na concepção platônica.

O fundamento teórico para essa atividade se encontra na obra de Platão: o Fédon (edição 2011). Trabalhem a forma como Platão concebe o corpo através do texto de Fédon (A imortalidade da alma), o mais popular dos diálogos de Platão. Para contextualizar os(as) estudantes sobre a especificidade filosófica dessa leitura e envolver os jovens, o(a) professor(a) pode fornecer o texto do Fédon em PDF, disponível em <http://lelivros.love/book/download-fedon-platao-em-epub-mobi-e-pdf/>. Propomos trabalhar com os(as) estudantes especificamente as páginas 10 -12.

Cada estudante deverá receber o seu texto impresso para a leitura individual e coletiva.

Para melhor contextualizar a dinâmica dessa leitura, pode ser interessante levar os(as) estudantes para um local fora da sala de aula, possivelmente aberto e livre, afim de reuni-los conforme reuniam-se os filósofos nos momentos reais de diálogos, na Grécia antiga. Ao reunirem-se nesse local (pode ser no pátio aberto, no ginásio ou até mesmo no salão do auditório) o(a) professor(a) explicará que o Diálogo Fédon, tem a figura de Sócrates como protagonista e o deslocamento da sala de aula para essa leitura é inspirado nesse filósofo. Sócrates, mestre de Platão, costumava dialogar em espaços públicos e locais abertos, disponível à todas as pessoas. O diálogo que estarão prestes a ler ocorreu no dia da sentença que o condenara à morte, aproximadamente 2400 anos atrás. É considerada uma das obras mais singulares escrita por Platão. E o assunto dominante é a imortalidade da alma.

Antes de iniciar a leitura, é importante sensibilizar os(as) estudantes para que dirijam um olhar sobre como o corpo é revelado no diálogo e a possibilidade de perceber a construção de uma verdadeira teoria do corpo separado da alma, em Platão.

Para isso, livremente dispostos, cada um com seu texto, deverá familiarizar-se com a leitura individual do Fédon. O(A) professor(a) pode controlar o tempo da leitura e sugerir a marcação de trechos que chamem a atenção do(a) estudante.

Em seguida, sentados em círculo, o(a) professor(a) vai mediar uma leitura em grupo, onde cada estudante, aleatoriamente irá ler sequencialmente os parágrafos do discurso que compõe o diálogo, agora em voz alta e numa leitura coletiva, que também pode ser dramatizada.

“- (...) perguntemos a nós mesmos se acreditamos que a morte seja alguma coisa?  
 - Sem dúvida, respondeu Símiás.  
 - Que não será senão a separação entre a alma e o corpo? Morrer, então, consistirá em apartar-se da alma o corpo, ficando este reduzido a si mesmo e, por outro lado, em libertar-se do corpo a alma e isolar-se em si mesma? Ou será a morte outra coisa?  
 - Não; é isso, precisamente, respondeu.  
 - Considera agora, meu caro, se pensas como eu. Estou certo de que desse modo ficaremos conhecendo melhor o que nos propomos investigar. És de opinião que seja próprio do filósofo esforçar-se para a aquisição dos pretensos prazeres, tal como comer e beber?  
 - De forma alguma, Sócrates, replicou Símiás.

- E com relação aos prazeres do amor?
- A mesma coisa.
- E os demais prazeres, que entendem com os cuidados do corpo? És de parecer que lhes atribua algum valor? A posse de roupas vistosas, ou de calçados e toda a sorte de ornamentos do corpo, que tal achas? Eles os aprecia ou os despreza no que não for de estrita necessidade?
- Eu, pelo menos, respondeu, sou de parecer que o verdadeiro filósofo os despreza.
- Sendo assim, continuou, não achas que, de modo geral, as preocupações dessa pessoa, não visam ao corpo, porém tendem, na medida do possível, a afastar-se dele para aproximar-se da alma?
- É também o que eu penso.
- Nisto, por conseguinte, antes de mais nada, é que o filósofo se diferencia dos demais homens: no empenho de retirar quanto possível a alma na companhia do corpo.
- Evidentemente.
- Essa é a razão, Símiás, de, na opinião da maioria dos homens, não merecer viver o indivíduo a quem nada disso é agradável e que não se importa com tais práticas, por achar-se muito mais perto da condição de morto e por não dar a menor importância aos prazeres alcançados por intermédio do corpo.
- Tens razão.
- E como referência à aquisição do conhecimento? O corpo constitui ou não constitui obstáculo, quando chamado para participar da pesquisa? O que digo é o seguinte: a vista e o ouvido asseguram aos homens alguma verdade? Ou será certo o que os poetas não se cansam de afirmar, que nada vemos nem ouvimos com exatidão? Ora, se esses dois sentidos corpóreos não são nem exatos nem de confiança, que diremos dos demais, em tudo inferiores aos primeiros? Não pensas desse modo?
- Perfeitamente, respondeu.
- Então, perguntou, quando é que a alma atinge a verdade? É fora de dúvida que, desde o momento em que tenta investigar algo na companhia do corpo, vê-se lograda por ele.
- Tens razão.
- E não é no pensamento - se tiver de ser de algum modo - que algo da realidade se lhe patenteia?
- Perfeitamente.
- Ora, a alma pensa melhor quando não tem nada disso a perturbá-la, nem a vista nem o ouvido, nem dor nem prazer de espécie alguma, e concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por apreender a verdade.
- Certo.
- E não é nesse estado que a alma do filósofo despreza o corpo e dele foge, trabalhando por concentrar-se em si própria?
- Evidentemente.
- E com relação ao seguinte, Símiás: afirmaremos ou não que o justo em si mesmo seja alguma coisa?
- Afirmaremos, sem dúvida, por Zeus.
- E também o belo em si e o bem?

- Também.

- E algum dia já percebeste com os olhos qualquer deles?

- Nunca, respondeu. Ou por intermédio de outro sentido corpóreo? Refiro-me a tudo: grandeza, saúde, força e o mais que for, numa palavra: à essência de tudo o que existe, conforme a natureza de cada coisa. É por intermédio do corpo que percebemos o que neles há de verdadeiro, ou tudo se passará da seguinte maneira: quem de nós ficar em melhores condições de pensar em si mesmo o mais exatamente possível o que se propõe examinar, não é esse que estará mais perto do conhecimento de cada coisa? Ou não?

- Perfeitamente.

- E não alcançará semelhante objetivo da maneira mais pura quem se aproximar de cada coisa só com o pensamento, sem arrastar para a reflexão a vista ou qualquer outro sentido, nem associá-los a seu raciocínio, porém valendo-se do pensamento puro, esforçar-se por apreender a realidade de cada coisa em sua maior pureza, apartado, quanto possível, da vista e do ouvido, e, por assim dizer, de todo o corpo, por ser o corpo fator de perturbação para a alma e impedi-la de alcançar a verdade e o pensamento, sempre que a ele se associa? Não será, Símiás, esse indivíduo, se houver alguém em tais condições, que alcançara o conhecimento do Ser?

- Tens toda a razão, Sócrates, respondeu Símiás.

Por tudo isso, continuou, é natural nascer no espírito dos filósofos autênticos certa convicção que os leva a discorrer entre eles mais ou menos nos seguintes termos: Há de haver para nós outros algum atalho direto, quando o raciocínio nos acompanha na pesquisa; porque enquanto tivermos corpo e nossa alma se encontrar atolada em sua corrupção, jamais poderemos alcançar o que almejamos. E o que queremos, declaremo-lo de uma vez por todas, é a verdade. Não têm conta os embaraços que o corpo nos apresta, pela necessidade de alimentar-se, sem falarmos nas doenças intercorrentes, que são outros empecilhos na caça da verdade. Com amores, receios, cupidez, imaginações de toda a espécie e um sem número de banalidades, a tal ponto ele nos satura, que, de fato, como se diz, por sua causa jamais conseguiremos alcançar o conhecimento do quer que seja. Mais, ainda: guerras, batalhas, dissensões, suscita-as exclusivamente o corpo com seus apetites. Outra causa não têm as guerras senão o amor do dinheiro e dos bens que nos vemos forçados a adquirir por causa do corpo, visto sermos obrigados a servi-lo. Se carecermos de vagar para nos dedicarmos à Filosofia, a causa é tudo isso que enumeramos. O pior é que, mal conseguimos alguma trégua e nos dispomos a refletir sobre determinado ponto, na mesma hora o corpo intervém para perturbar-nos de mil modos, causando tumulto e inquietude em nossa investigação, até deixar-nos inteiramente incapazes de perceber a verdade. Por outro lado, ensina-nos a experiência que, se quisermos alcançar o conhecimento puro de alguma coisa, teremos de separar-nos do corpo e considerar apenas com a alma como as coisas são em si mesmas. Só nessas condições, ao que parece, é que alcançaremos o que desejamos e do que nos declaramos amorosos, a sabedoria, isto é, depois de mortos, conforme nosso argumento o indica, nunca enquanto vivermos. Ora, se realmente, na companhia do corpo não é possível obter o conhecimento puro do que quer que seja, de duas uma terá de ser: ou jamais conseguiremos adquirir esse conhecimento, ou só o faremos depois de mortos, pois só então a alma se recolherá

em si mesma, separada do corpo, nunca antes disso. Ao que parece, enquanto vivermos, a única maneira de ficarmos mais perto do pensamento, é abstermo-nos o mais possível da companhia do corpo e de qualquer comunicação com ele, salvo e estritamente necessário, sem nos deixarmos saturar de sua natureza sem permitir que nos macule, até que a divindade nos venha libertar. Puros, assim, e livres da insanidade do corpo, com toda a probabilidade nos uniremos a seres iguais a nós e reconheceremos por nós mesmos o que for estreme de impurezas. É nisso, provavelmente, que consiste a verdade. Não é permitido ao impuro entrar em contato com o puro. - Eis aí, meu caro Símias, quero crer, o que necessariamente pensam entre si e conversam uns com os outros os verdadeiros amantes da sabedoria. Não é esse, também, o teu modo de pensar?

- Perfeitamente, Sócrates

FONTE: Versão eletrônica do diálogo Platônico "Fedão". Tradução: Carlos Alberto Nunes. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-fedon-platao-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 27 de março de 2018.

Após a leitura, o(a) professor(a) pode abrir para o diálogo e instigar a reflexão a respeito do conceito de corpo tal como é apresentado no texto:

- Como o corpo é apresentado na obra?
- Seria possível conceber o conhecimento sem o corpo?
- De que formas a alma pode distanciar-se do corpo para aprimorar seus processos cognitivos?

Estimular os(as) estudantes a também elaborar suas perguntas sobre o (com)texto vai incentivá-los(as) a exercitar o pensamento filosófico e aproximá-los(as) da amplitude conceitual da teoria do autor.

Após essa abordagem teórico conceitual, o(a) professor(a) poderá explicar o pensamento do corpo dividido da alma em Platão relacionando com a Teoria dos Opostos.

O seguinte quadro ilustra o pensamento dualista platônico e sua referência ao conceito do Corpo x Alma. Através de todas essas dicotomias propostas pelo filósofo da Grécia antiga, vamos traçando o pensamento platônico sobre o corpo e compreendendo sua relação com a própria ideia de mundo sensível e mundo das ideias, fortemente referenciado em sua teoria.

O dualismo de Platão: o corpo separado da alma

<b>CORPO</b>	<b>ALMA</b>
MUNDO REAL	MUNDO DAS IDEIAS
CORRUPTÍVEL	ETERNA
SENSÍVEL	INTELIGÍVEL

TRABALHOS BRAÇAIS	ATIVIDADE NOBRE / INTELECTO
REFERÊNCIA AO MAL	ÓCIO PRESTIGIOSO
INFERIOR	SUPERIOR
LIMITADO	IMUTÁVEL
TEM SEU MOVIMENTO DETERMINADO	MOVE A SI MESMA E OUTRAS COISAS
AFASTA O HOMEM DO DIVINO	POSSUI LIGAÇÃO COM O DIVINO

FONTE: Adaptado pela autora, 2018

No momento seguinte, o(a) professor(a) poderá utilizar os Mitos da Parelha Alada e o Mito do destino das almas. Esses mitos explicam a luta interna do homem entre tendência boas e más e as questões que envolvem o destino da alma no momento da morte. Uma forma interessante de apresentá-los na classe seria na narrativa de Contação de história.

O primeiro mito, da Parelha Alada revela a trajetória conflituosa de um cocheiro que tem a missão de conduzir uma carruagem com dois cavalos alados, sendo um bom e o outro ruim, divergindo cada um para um caminho, dificultando assim a condução do cocheiro. No diálogo, Sócrates explica a Fedro a dificuldade em conduzir a carruagem pois os dois cavalos estão constantemente disputando prosseguir, cada qual ao rumo que os satisfaçam. (PLATÃO *in* Fedro, 246, 1975)

O segundo mito, do destino das almas, explica o caminho por onde a alma prudente e moderada será guiada após a morte do corpo. No entanto, a alma a que se agarra avidamente ao corpo vaga em torno dele e do mundo visível por muito tempo, e depois de grande resistência e sofrimentos, é finalmente arrastada dali pelo demônio incumbido de conduzi-la. (PLATÃO *in* Fédon, 58, 1991)

Após a Contação dos mitos, o(a) professor(a) pode pedir para que em duplas, os(as) estudantes transformem em desenho o que compreenderam sobre essas histórias contadas. O desafio dessa atividade é que eles(as) usem metáforas dos dias atuais para representar os estímulos modernos que nos provocam a conduzir nossos impulsos para os desejos do corpo ou da alma, fazendo referência às alegorias. Após essa atividade, as duplas deverão expor e compartilhar suas obras com toda a turma.

Em outro momento mais aprofundado, agora que os(as) estudantes conhecem as ideias de Platão, o(a) professor(a) pode leva-los(as) a refletir sobre uma frase destacada:

O corpo em Platão é o sepulcro em que a alma está presa (CARDIM, 2009, p. 23).

Como observamos, Platão atribuiu adjetivos ao corpo e a alma, qualificando-os como Mal e Boa. A partir daqui podemos apresentar aos(as) estudantes como o pensamento de Platão sobre o corpo influenciou o Cristianismo e as ideologias que sinalizam o corpo como fonte do pecado. O corpo como personificação do mal.

Nesse momento, sugerimos que o(a) professor(a) avalie a compreensão dos(as) estudantes através de uma produção escrita. Pedir para que escolham uma das citações a seguir e a partir dessa elabore um texto sobre a ideia platônica do corpo:

“E, sem dúvida alguma, ela raciocina melhor precisamente quando nenhum empecilho lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer, mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte, quando, rompendo tanto quanto lhe é possível qualquer união, qualquer contato com ele” (PLATÃO, 1991, p.117).

“O corpo apresenta-se de forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que pode ser controlado pelo intelecto devido a capacidade da alma de mover o corpo, ele é também considerado um sepulcro ao qual os homens estão “encadeados, como a ostra em sua concha” (PLATÃO, 1991, pg. 166).

“Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; com efeito, na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos!” (PLATÃO, 1991, p.119).

Para finalizar, é importante avaliar a aprendizagem através da comparação com os modelos e percepções sobre o corpo na atualidade. O que pode ser considerado ainda como possível de ser aceito e o que já foi superado. Ideias que podem fortalecer a discussão:

- As visões de Platão sobre o corpo, apesar de defendidas por um filósofo antigo, são estranhas ao nosso pensamento atual?

- A educação formal escolar privilegia claramente uma educação “da alma”. A própria organização das salas de aula denuncia isso. Os corpos encontram-se estáticos e a consciência em movimento. Ainda podemos pensar que o ser-humano está dividido entre corpo e alma? Ou entre corpo e mente?

#### 4.3 O CORPO EM MICHEL FOUCAULT

Na segunda proposta, trabalharemos o corpo diante de uma outra perspectiva: como organismo político e subjetivo. Para compreender tal concepção utilizaremos a teoria de Michel Foucault sobre os modernos dispositivos de controle do corpo, suas práticas e intencionalidades.

Como abordaremos o corpo numa perspectiva histórica, num primeiro momento é importante resgatar com os(as) estudantes as importantes transformações que ocorreram na humanidade com a transição da idade média para a idade moderna. Não somente o estilo de vida, mas os meios de produção, as fontes de conhecimentos e as ações institucionalizadas, marcam mudanças complexas nas relações sociais e na vida privada. De acordo com as ideias de Foucault, essas mudanças político-econômicas causam efeitos de poder/saber sobre os corpos, caracterizando um novo modelo de sociedade, a sociedade disciplinar.

No regime medieval a visibilidade dos corpos era dada ao rei e aos que sofriam as ações do seu poder. As punições eram ritualísticas, públicas e tortuosas, para que o povo assistisse e tomassem de exemplo. Nesse contexto, o poder era imposto através da violência explícita. No entanto, as inúmeras mudanças que transformaram a sociedade moderna, como a criação de complexas instituições sociais, o desenvolvimento das ciências, a ampliação industrial e a abertura do comércio, exigem novas políticas disciplinares sobre o corpo. Agora, o corpo passa a ser compreendido como força produtiva e categorizado: disciplinado, normalizado e docilizado pelas instituições de poder/saber, como a medicina, as escolas, fábricas, hospitais.

Apresentem aos(às) estudantes algumas imagens que ilustram a condição de institucionalização dos corpos e peça para que eles descrevam as características comuns a todas as representações:

FIGURA 1: COLAGEM DE IMAGENS \_ CORPOS INSTITUCIONALIZADOS



FONTE: Carneiro (2011)

O(A)s estudantes apontarão vários aspectos comuns como: separação por idade e/ou gênero, uniforme, corpos paralelos. E ao olharem mais atentamente, verão que essas imagens também remetem a questões subjetivas de disciplinas: horários rígidos, regras fixas, vigilância, punições e recompensas.

A partir dessas imagens, o(a) professor(a) apresentará a teoria de Foucault sobre a institucionalização dos corpos na modernidade: as instituições que atravessam inevitavelmente as nossas vidas; as novas formas de controle dos corpos; a disciplina vigiada; suas intencionalidades, de acordo com Foucault; a consequente produção de corpos dóceis.

Nesse momento pode-se fazer uma explanação geral sobre as instituições e em seguida selecionar a escola como modalidade de análise das observações feitas por Foucault. É importante permitir que o(a) estudante entre em contato com a teoria e reconheça nela sua própria realidade. Dessa forma, dar ênfase e aprofundar o debate sobre as dinâmicas da escola como instituição de controle em seus variados aspectos aproximará o(a) estudante das condições sobre as quais ele(a)s próprias estão sujeitos(as). Sugerir uma saída de campo pela escola, direcionando um olhar de observador/pesquisador aos(às) estudantes trará novas perspectivas para os(as) jovens. Esse momento pode ser aproveitado para que os(as) estudantes criem

registros fotográficos e recolham relatos sobre os símbolos disciplinares da escola. Esse material pode ser apresentado para a comunidade escolar e gerar debates democráticos sobre possíveis necessidades de mudanças na escola.

Após a apresentação dos conceitos e métodos apresentados por Foucault para explicar as subordinações dos corpos na nossa sociedade, o(a) professor(a) prosseguirá mediando os(as) estudantes a refletirem sobre os efeitos desses dispositivos nas nossas vidas. Quais as consequências psicossociais dessas instituições na nossa subjetividade?

Na tirinha a seguir, veremos um exemplo dos impactos das instituições normativas nos comportamentos:

FIGURA 2: CARTOON



FONTE: Rett (2011)

Percebemos na charge de humor que a uniformidade dos corpos, utilizadas inicialmente como dispositivos de coerção, transforma-se em formas de vida, reproduzindo o conceito de uniformidade como algo positivo e desejável. Assim, outros corpos servem de modelo social numa ordem onde os corpos também viram mercadoria:

FIGURA 2: OUTDOOR



Fonte: Cunha (2009)

Nesse momento será interessante provocar uma conversa com a turma sobre as influências culturais de corpos desejáveis e os impactos de modelos ideais e da padronizados na formação subjetiva dos sujeitos. O(A) professor(a) aproveitará para explicar o conceito de subjetividade em Foucault e contextualizará sobre as diversas formas de controle da subjetividade.

Agora que os(as) estudantes compreenderam a necessidade de classificar e controlar os corpos nas instituições das sociedades complexas, levantaremos outra perspectiva de manutenção da ordem através do controle do corpo: na sua forma de microcontrole. Censos e estatísticas nos mensuram e classificam enquanto políticas de natalidade, de vacinação, do uso de camisinha, atuam em nossos corpos como forma de bioregulá-los. Tal raciocínio influencia aspectos decisivos da vida dos sujeitos como: onde morar, quantidade de filhos, que dieta seguir, que livros ler, como se vestir, entre outros aspectos familiares, emocionais, íntimos e sociais.

É importante frisar aos jovens sobre a necessidade de exercitarmos um olhar filosófico sobre a realidade. Dessa forma, ao mostrarmos os diagnósticos de Foucault sobre as determinações do corpo, não podemos deixar de lado as importantes construções de conhecimentos científicos, especialmente com o advento das ciências modernas, sobretudo nos aspectos que favorecem a vida

saudável dos sujeitos. Nossa intenção, portanto, não é a de realizar juízos de valor, mas trazer para o debate lentes que nos permitam avaliar os modos de vida que são e que podem ser construídos a partir de concepções de corpos em relação ao saber/poder.

Nessa perspectiva, podemos orientar o(a)s aluno(a)s a observarem também as vantagens e privilégios que nos são oferecidos com os avanços biomédicos; da liberdade, cada vez mais acessível, ao planejamento da maternidade/paternidade; das importantes políticas de orientação aos cuidados para a saúde; das acessíveis informações para o autocontrole de si e para a manutenção de uma vida saudável. A estética da existência sugere que os sujeitos se orientem pelo conhecimento das práticas de cuidado de si.

Como exercício de reconhecimento desses mecanismos, geralmente naturalizados no cotidiano, o(a) professor(a) poderá levar para a aula revistas de temas diversos, tesouras, colas e cartolinas, e propor que, em equipes, os(as) estudantes elaborem cartazes com figuras e/ou textos que representem o biopoder.

Dessa forma, teremos compreendido as duas faces do biopoder: uma macro e outra micro. A macro, nos mecanismos de disciplina que asseguram a convivência dos indivíduos na sociedade. A micro, focada na manutenção do corpo e da saúde do indivíduo. Compreenderemos, portanto, que o poder se dá em todos os níveis da sociedade e atravessa invariavelmente os corpos, mas ainda assim não se caracteriza como dominação, pois sempre terá como agente de escolha o ser humano, potencialmente criado e criador de práticas de vida. Diante do exposto, podemos provocar os(as) estudantes a interpretarem a seguinte frase de Foucault:

“Todo poder é físico, e há entre o corpo e o poder político uma ligação direta”.  
(FOUCAULT, 2007, p.19)

Finalmente, Foucault resgata os gregos e revisita as formas de cuidados de si. O autor elabora uma noção de vida livre a partir dos gregos, recriando possibilidade de pensar uma estética da existência na sociedade atual.

O(A) professor(a) poderá disponibilizar para cada estudante o trecho do seguinte texto para que possam compreender melhor do que se trata a estética da existência de Foucault:

“A estética da existência não é um conceito estático, definitivo, que Foucault teria descoberto nos fundos da história da filosofia com Sócrates e seus discípulos, assim levando a aparecer hoje, reatualizando-a para uma problemática que se colocaria a nós. Desta maneira, a ética que se pretender discutir não pode ser uma resposta “grega” aos nossos dias. Ao contrário, ela surge de uma urgência, de uma vontade política que não deseja ser mais obediente aos códigos constrangedores que regulariam a vida em todos os seus detalhes; urgência de um pensamento não dogmático, que não impõe mais certezas universais e constantes antropológicas. Enfim, surge esta tarefa de se pensar a ética como estratégia, jogando com as liberdades possíveis em um determinado campo, para dar outra forma, sentido e valor aos atos, atitudes e comportamentos de nossa vida. A estética da existência nasce dessa insurgência, dessa liberdade que precisa ser trabalhada na impaciência, na crítica histórica e permanente àquilo que nos constitui e somos hoje. É preciso compreender bem quem somos nós, e assim sair desse silêncio que se conjuga com certos constrangimentos, com certas relações de poder dominadoras, as pretensas tecnologias de controle.”

FONTE: FIGUEIREDO, Fernando Padrão. Arte de viver, modos de vida e estética da existência em Michel Foucault. Ítaca, n. 15. p.291.

Este trecho também poderá servir de base para a elaboração escrita de um texto pelo(a) estudante, tendo como fio condutor as possibilidades e os desafios contemporâneos para uma vida livre e emancipada.

Com o retorno aos gregos, finalizamos a proposta de sequência didática sobre o corpo. A partir dessa temática, foi possível trabalharmos diversos conceitos filosóficos importantes que podem ser resgatados e aprofundados em outros momentos, como o conceito de liberdade, desejo, resistência. Pode ser interessante que nesse fechamento o(a) professor(a) faça uma retrospectiva do tema, recuperando os aspectos fundamentais estudados até aqui, os principais conceitos aprendidos e projetando outros temas que emergiram dessa temática para um futuro aprofundamento teórico em sala. Além disso, é importante aproveitar esse conhecimento para a mediação das relações entre os sujeitos da escola e as próprias práticas do saber, como forma de construir-se juntamente com o conhecimento da corporeidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao confrontar dois filósofos dispostos a apresentar ideias de corpos distintas, percebemos as peculiaridades de seus contextos históricos e culturais, a forma como cada um elabora o seu conceito a partir da leitura imanente da sociedade em que viveu, das correntes de pensamentos e processos históricos vigentes, bem como buscaram, intencionalmente, corroborar para uma forma de vida livre e autogeruladora. Paradoxalmente, diante das inúmeras incompatibilidades que se revelam entre Platão e Michel Foucault, temos em ambos a mesma preocupação e finalidade teórica: produzir possibilidades de levar os sujeitos a viver uma vida plena, ocupando-se de si a partir dos cuidados do corpo e da alma.

Fica claro que o corpo possui relação estreita com a noção de autonomia para a vida em sociedade. Inversamente proporcional estão efetivadas as formas de domínio sobre esses corpos, seja na anulação dos prazeres carnis, para os gregos, como nos dispositivos de controle nas sociedades modernas.

Diante dos dois campos teóricos estudados, a intenção dessa proposta de elaboração didática para disciplina de Filosofia no Ensino Médio buscou criar possibilidades de, através do diálogo com os jovens, significar o corpo em diferentes momentos, mas sobretudo trazer à tona esse tema tão marginalizado na filosofia e na vida cotidiana, chamando atenção para a corporeidade como forma de libertação da subjetividade e como proposta de possibilidade de uma nova lógica do cuidado de si.

### 5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Desejamos que esse material possa ser explorado como impulsionador de novas práticas e discursos docentes em torno da corporeidade como tema filosófico e possibilidade curricular. Propomos que o(a) professor(a) amplie seu repertório e pesquise outros filósofos que também se dedicaram/dedicam teoricamente a estabelecer uma ideia conceitual de corpo, afim de ampliar cada vez mais sua compreensão de corporeidade e inseri-la continuamente nas práticas educacionais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BOTERO, Sergio. **O problema Mente-Corpo: uma visão pragmática**. Revista digital dca-fee-unicamp, 2006. Disponível em: <http://www.dca.fee.unicamp.br/~gudwin/courses/IA889/2006/IA889-22.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2018.

CARDIM, Leandro Neves. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.

CARDOSO JR. Hélio Rebello. **Para que serve a subjetividade? Foucault, tempo e corpo**. Psicologia, Reflexão e Crítica, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2018.

CARNEIRO. **Vigiar e punir**. Blog professor Carneiro. 2011. Disponível em: <https://professorcarneiro.wordpress.com/2011/05/11/vigiar-e-punir/>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CUNHA, Renato da. **Outdoor Essencial Lingerie**. 2009. Blog do Renato da Cunha. Disponível em: <http://renatodacunha.blogspot.com.br/2009/03/outdoor-essencial-lingerie.html>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

DE FIGUEIREDO, Fernando Padrão. **Arte de viver, modos de vida e estética da existência em Michel Foucault**. Ítaca, n. 15. Disponível em: <file:///D:/Downloads/262-493-1-SM.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2018.

DUMONT, Adilson; PRETO, Édison Luis de Oliveira. **A visão filosófica do corpo**. Escritos educ., Ibirité, v. 4, n. 2, p. 7-11, dez. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 abr. 2018.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária Ltda., 2004.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: O cuidado de si**. 9ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. 35ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008 – 288p.

HADOT, Pierre. **O Véu de Ísis. Ensaio sobre a história da ideia de natureza**. Tradução Mariana Sérvulo. São Paulo, SP: Loyola, 2004.

MEDEIROS, Eduardo Cavalcanti da. **O corpo na obra de Michel Foucault**. Revista de Psicologia. PUC Rio de Janeiro, 2010, RJ. Disponível em: [http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2010/relatorios/ctch/psi/PSIEduardo%20Cavalcanti%20de%20Medeiros.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2010/relatorios/ctch/psi/PSIEduardo%20Cavalcanti%20de%20Medeiros.pdf) . Acesso em: 10 de abril de 2018.

MONTENEGRO, Nara Romero. **O corpo em Platão: Uma investigação à luz dos diálogos Fédon e Fedro**. Fiep Bulletin - Volume 83 - Special Edition - ARTICLE I – 2013. Disponível em: [file:///D:/Downloads/2834-6186-1-SM%20\(2\).pdf](file:///D:/Downloads/2834-6186-1-SM%20(2).pdf). Acesso em 09 de março de 2018.

NUNES, Carlos Alberto. **Fédon**. Belém: ed.ufpa, 2011.

PLATÃO. **Timeu – Crítias**. 1 ed. Coimbra: ECH, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/363788/mod\\_resource/content/0/Plat%C3%A3o\\_Timeu-%20Completo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/363788/mod_resource/content/0/Plat%C3%A3o_Timeu-%20Completo.pdf). Acesso em: 02 de março de 2018.

PLATÃO. **Fédon**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991 - (Coleção Os pensadores).

\_\_\_\_\_. **Fedro**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1975.

REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão**. São Paulo: Paulus, 2002.

RETT, Maurício. **Adolescentes iguais**. Cartunista, 2011. Disponível em: <http://www.cartunista.com.br/adolescentesiguais.gif> Acesso em 10 de abril de 2018.

ROBINSON, Thomas M. **As características definidoras do dualismo alma-corpo nos escritos de Platão**. Revista Letras Clássicas, n. 2, p. 335-356, 1998. Disponível em: <file:///D:/Downloads/73743-99222-1-PB.pdf>. Acesso em 09 de março de 2018.

SANTANNA, Denise B. de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Est. Liberdade, 1995.

SANTIN, Silvino. **Uma busca da filosofia do corpo**. *Revista Kinesis, Santa Maria*, v. 5, n. 1, p. 63-90, jan./jul. 1989.

SOUZA, Jose Cavalcanti de. **Os Pré-Socráticos**. São Paulo: abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores). Disponível em: [http://files.filosofia-com0.webnode.com/200000001-90f1191ea9/Colecao\\_Os\\_Pensadores\\_Vol\\_01.pdf](http://files.filosofia-com0.webnode.com/200000001-90f1191ea9/Colecao_Os_Pensadores_Vol_01.pdf). Acesso em 02 de março de 2018.

---